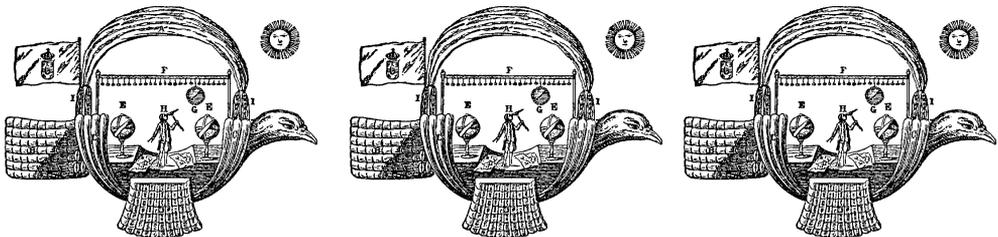
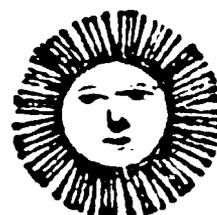


inéditos



Cinco cartas inéditas de Camilo Castelo Branco a Faustino Xavier de Novais 1858 e 1862

Miguel Salles*



* Universidade de São Paulo.

Apresentação

“E onde melhor do que nas suas cartas íntimas todos os seus pensamentos e todas as suas mágoas e todas as suas grandezas e defeitos se revelam? Onde melhor do que aí se decifram muitas das entrelinhas obscuras da sua obra?”

(Antônio Cabral in *Camilo de perfil*. 2. ed.. Paris-Lisboa: Livra-rias Aillaud e Bertrand, 1922, p.153)

Retomando um trabalho acadêmico de análise crítica de cinco cartas inéditas de Camilo Castelo Branco a Faustino Xavier de Novais [1858 e 1862], da coleção Elísio de Carvalho, tendo como contraparte, vinda do outro lado do Oceano, uma única carta de Faustino, esta editada, o artigo pretende contribuir, de alguma forma, para a historiografia camiliana. A análise crítica deste material inédito, mesmo se restringindo a estabelecer a datação das cartas e a situá-las no contexto político-ideológico da época, oferece oportunidade ímpar para melhor se compreender e amar o romancista e sua obra.

A opção por iniciar esta atrevida incursão na intimidade do escritor, citando em epígrafe um dos muitos admiradores e, no caso, um dos fiéis amigos de Camilo Castelo Branco, teve por escopo marcar posição quanto ao mérito da análise crítica de uma coletânea de cartas inéditas do grande novelista português, precioso acervo da Biblioteca Mário de Andrade, na cidade de São Paulo, cujos fac-símiles foram obtidos após árduos esforços. Batendo na mesma tecla, Xavier Bar-

bosa [1919] sustenta que *“cartas são elementos de valor para o estudo da vida, do temperamento e da criatividade literária do romancista”*.

Pode parecer temerário alimentar a pretensão de analisar manuscritos epistolares inéditos atribuídos a Camilo, tal o vulto de sua correspondência espalhada pelos mais diferentes destinatários durante os 40 anos que sua vida literária preencheu (1850-1890). Segundo Alexandre Cabral, o prolífero escritor português produziu cerca de 15000 páginas de correspondência, das quais, hoje, pode ser recuperado algo aproximado de 6000 espécies, como diz. O próprio Camilo teria destruído milhares de cartas; outras desapareceram por acidentes, mas uma volumosa parte da epistolografia camiliana, assevera Cabral, “se encontra sonogada por avaros e ignorantes idólatras camilianos”, além daquelas cartas que familiares ocultam e querem vender a peso de ouro.

Na respeitável camiliana da Biblioteca Central da Universidade de São Paulo, entre as séries documentais ali reunidas, não despontou editada sequer uma das cinco cartas endereçadas a Faustino Xavier de Novais, cujos fac-símiles me estavam disponíveis.

Ter em mãos, atribuído a Camilo, material epistolográfico autêntico, presumivelmente inédito, estimulava uma análise crítica, com o objetivo de estabelecer a datação, controvertida, e a consequente seriação das cinco cartas, bem como descrever as circunstâncias ideológico-políticas em que elas se inserem, fatores indispensáveis para o estabelecimento de um texto idôneo, fidedigno, com vistas a uma eventual edição, calcado num único exemplar-fonte: as cinco cartas manuscritas e inéditas, da coleção Elísio de Carvalho, pertencente ao acervo da Biblioteca Mário de Andrade, na capital paulista.

1. Os recursos manuscritores

As cartas, sob exame, de Camilo Castelo Branco a Faustino Xavier de Novais¹ teriam sido escritas em 1858 e em 1862. Esclareça-se de saída que, por força de normas internas da Biblioteca, não foi permitido o acesso aos autógrafos. As reproduções dos fotogramas, embora de boa qualidade, não atenuaram a precariedade dos elementos indispensáveis a uma descrição física exata dos documentos quanto a todos os recursos manuscritores. O instrumento gráfico manipulado é visivelmente uma pena molhada em tinteiro, de bico fino, e a cor da tinta, azul-negra, com fluidez adequada a uma escrita harmônica. O tipo do papel original

¹ Poeta ultra-romântico e folhetinista, nascido no Porto, em 17-02-1820 e falecido no Rio de Janeiro, em 16-08-1869. Como folhetinista, colaborou em jornais do Porto, de Lisboa e da província. Mas foi através dos poemas, onde explorou sua veia satírica, que ganhou a preferência dos leitores. Sua obra literária de maior destaque é *Novas Poesias*, uma coletânea de poesias acompanhada de um juízo crítico de Camilo, dada à estampa em 1858.

escapa a qualquer avaliação, podendo-se pela cópia xerográfica admiti-lo como liso, isto é, sem pautas. Em quatro cartas foram usadas folhas de dimensões próximas de 24 x 17 cm, e em uma as dimensões aproximadas são menores, 21 x 13 cm. A letra geralmente bem cuidada, com leve inclinação para a direita, mantém a linha escrita em rigorosa horizontalidade, conseqüência, por certo, do recurso a um suporte pautado sobposto ao papel de carta, suficientemente transparente para tornar claras as linhas-guia impressas no suporte, que, por outro lado, também contribuem para o rigor simétrico do espaçamento interlinear. A paragrafação é feita tanto por alínea com recuo para a direita como por blocagem, alternando-se as duas modalidades no mesmo documento. Aparentemente, as margens das folhas manuscritas foram respeitadas, o que, no entanto, não pode ser afirmado sem risco de equívoco em relação às externas e internas, porque os fotogramas, que deram origem às cópias, freqüentemente denotam sobreposição de um autógrafo na margem do anterior.

2. Espaço e tempo. A datação

Com o fito de situar no espaço e no tempo os documentos ora analisados, em relação a três cartas foram mantidas as datas inseridas no texto para fixar a seriação das mesmas. Estas explicitavam também os locais de procedência. Para duas cartas foram estabelecidas datas prováveis por critérios endógenos. Numa delas a datação foi possível só após confrontada com o conteúdo de uma carta, até prova em contrário, de Faustino a Camilo, datada no Rio de Janeiro, a 7 de agosto de 1858, editada pelo Visconde do Marco. Nesta carta, Faustino cobra do amigo o *juízo crítico* à guisa de introdução às *Poesias* [a coletânea de poemas que Faustino publicaria com o título de *Novas Poesias*] e dá outras indicações da autenticidade da mesma. O curioso é ter o Visconde do Marco atribuído esta carta a um tal Francisco, criando dúvida quanto à autoria da mesma. Eis um trecho desta carta:

“Meu Camilo, tinha muito que contar-te, mas tenho contigo negócios sérios; vamos a eles e não repares se eu der preferência àquilo que, de mais perto, me interessar. Escreveste o *juízo crítico* prometido? Como vai o *livro*? Tenho um palpito que não estará aqui no tempo prefixo. Eu não escrevo hoje ao Sebastião², mas peço-te que lhe fales, e tomes isso como cousa tua. Se, por *desgraça*, chegar ainda a tempo o meu aviso, recomendo-te que no teu *juízo crítico* seja o mais jocoso possível, porque daí podem resultar bons interesses; mas

² Editor dos livros de Camilo a quem Faustino, antes de viajar para o Brasil, confiara os manuscritos de *Novas Poesias*, para ser editado.

eu desejo mais que ele já esteja impresso, porque toda a demora é prejudicial.”³ [grifos da edição]

O livro de Faustino, *Novas Poesias*, veio a lume em 1858. Na carta, com data retificada para 8 ou 9 de outubro de 1858, Camilo responde propriamente à interpelação anterior do amigo quanto ao *juízo crítico*, ao escrever:

“Ainda não escrevi o *juízo* porque ainda não vi a penúltima folha do teu livro. Começo a escrevê-lo amanhã.” [grifo do manuscrito]

Portanto, daí se pode inferir que *Novas Poesias* foi editado só no final de 1858, novembro ou dezembro, quando Faustino já se radicara no Brasil, e que a data de 2 de setembro de 1858, inserida no texto da carta de Camilo, tida como nº 2, é apócrifa. Na verdade, esta carta, com mais probabilidade, foi remetida ao destinatário a 8 ou 9 de outubro do mesmo ano⁴, como consta da anotação à margem superior da última folha, e passa a ser a de nº 3 na seriação das missivas. Só então, computando-se o tempo que um pacote levava numa viagem transoceânica, na época, Camilo poderia ter em mãos a carta que Faustino lhe enviara do Rio de Janeiro, com data de 7 de agosto de 1858. Segundo o Visconde do Marco (op. cit.), esse *juízo crítico* vem publicado no livro *Esboços de apreciações literárias*, da página 129 até 136, da edição de 1865, da Biblioteca Moré, documento de que ele, Visconde, diz possuir um autógrafo em duas folhas de papel almaço, constituindo parte da carta de Camilo que serve de introdução às *Poesias*, de Faustino Xavier de Novais.

Assim, pelos procedimentos acima descritos, pode-se estabelecer a seriação das cinco cartas de Camilo a Faustino como se segue:

A 1ª carta, datada em 4 de agosto de 1858, foi enviada do Porto. Consta de três páginas em folhas de tamanho 24 x 17 cm e mais uma página contendo um

³ Esta carta está editada no livro *Cartas inéditas de Camilo e D. Ana Plácido* (Livraria Popular de Francisco Franco, Lisboa: s/d [1933] p. 151), de autoria do Visconde do Marco, e é atribuída pelo próprio autor, em título epigrafado no Apêndice, ao poeta Francisco Xavier de Novais. Todo o conteúdo da carta, no entanto, inclusive a cobrança do juízo crítico, remete ao poeta Faustino Xavier de Novais, que se mudara para o Rio de Janeiro, e de lá se correspondia com Camilo. A assinatura ao final da carta não dirime a dúvida porque está fixada pelas abreviações F.X. de Novais, perdurando a dupla interpretação de F (Faustino ou Francisco?). De duas uma: ou Faustino costumava usar também o pseudônimo de Francisco, como usara tantos outros nos seus folhetins, ou o Visconde se enganou, fazendo imprimir Francisco onde cabia Faustino. O *Dicionário Bibliográfico*, de Inocêncio Francisco da Silva, não registra nenhum antropônimo equivalente a Francisco Xavier de Novais.

⁴ É verdade que há, nesta carta, um trecho que perturba a coerência da argumentação que foi desenvolvida para estabelecer a datação de 8/9 de outubro para a mesma, garantindo-lhe, assim, o 3º lugar na seriação estabelecida dentro da coletânea. Eis o trecho: “Vou falar ao Sebastião - preveni-lo para entrar com o romance no prelo em fins deste mês de setembro. [grifo do artigo]. Mas, assim mesmo, ainda encontrei mais elementos endógenos a favor da retificação da data para outubro do que da manutenção para setembro, pelo menos para 2 de setembro.

longo P.S. (post-scriptum), em cuja margem inferior, de cabeça para baixo, está uma anotação, com letra diferente da usada na carta, do seguinte teor: *Camillo./ R. em 3. de 7bro / R. em 7 de 7bro*. Intromissão do colecionador, ou ficha de arquivo feita por interessados? A margem superior da primeira página está invadida pela invocatória, bem como a da quarta página, pela sigla P.S. As margens inferiores das três primeiras páginas estão aproveitadas, até o limite do papel, pelo texto ou pela saudação final e assinatura.

A 2ª carta, com datação apócrifa, 2 de setembro de 1858, conforme apontado anteriormente, também procedeu do Porto. Estende-se por quatro páginas com a mesma letra miúda da carta precedente, tudo em folha de tamanho 24 x 17. Na margem superior da última página, com deslocamento para a direita, lê-se, a título de anotação, com letra diferente da usada no corpo da carta, mas semelhante à da anotação da primeira carta: *Porto / Camillo C. Branco. / Rem 8 d'outubro / Rem 9 d'outubro*. Esta anotação deixa sob suspeita a autenticidade da datação, fixada no cabeçalho da primeira página, pelas seguintes razões: a letra não coincide com a de Camilo e, pela única vez nas cinco cartas em que procedência e data estão inseridas no texto, nesta tanto a procedência como a data precedem à invocatória e estão centralizadas na folha. Ademais, o conteúdo não deixa dúvidas de que Camilo escreveu essa carta com conhecimento da carta de Faustino, datada no Rio de Janeiro a 7 de agosto de 1858. Ora, pela demora de um mês e meio a dois meses, que era quanto um pacote precisava para cruzar o Oceano, a 2 de setembro, com certeza, a carta de Faustino não tinha chegado. De forma que, para Camilo se referir, dando retorno, a ponderações feitas por Faustino em sua carta, só mesmo se a carta de Camilo foi escrita e remetida por volta de 2 de outubro de 1858, como consta da anotação em causa. Concluindo, Camilo provavelmente não datou esta carta e efetivamente a remeteu para o Rio de Janeiro a 8 ou 9 de outubro de 1858. Retificada a data, a carta em questão passa a ser a terceira na seqüência das cinco. A margem superior da primeira página está também invadida pela invocatória e datação, agora, porém, invertidas quanto à ordem de precedência: nas cartas anteriores, a invocatória precedia a data; nesta, deu-se o contrário. A margem superior da segunda página, com deslocamento para a direita, deixa entrever um adendo que se estende pela página seguinte, o que se percebe pela sobreposição da página dois sobre a três na cópia do fotograma. As margens inferiores estão todas aproveitadas pela mancha do texto. A paragrafação se faz ora por alínea com recuo, ora por blocagem, como na carta anterior.

A 3ª, com data provável dos idos de setembro de 1858, possivelmente procedeu também do Porto. Camilo denomina-a de segunda carta, o que procede relativamente à que foi enviada a Faustino, com data de 4 de agosto de 1858. Pelo conteúdo, não resta dúvida de que esta foi escrita antes do final do mês de setem-

bro de 1858. Com a retificação da data tida por apócrifa, esta carta passa a ser efetivamente a segunda na seriação entre as cinco. É a mais curta de todas e nela o tipo de letra se configura mais oblongo. É uma carta de que se poderia afirmar foi escrita de um fôlego só, num único parágrafo. O que se justifica pela ansiedade de Camilo de dar a Faustino “mais miúdas informações do teu livro”. Na cópia, ora analisada, não consta sequer a invocatória, comum nas demais, além da data que, como já apontado, foi estabelecida por elementos do próprio texto.

A 4ª e a 5ª carta dão um salto no tempo, pois ambas são de 1862, enquanto as precedentes eram de 1858, ano em que Faustino deixara o Porto para tentar a sorte no Rio de Janeiro.

Datada em Lisboa, a 9 de abril de 1862, a 4ª missiva apresenta a invocatória precedendo a data, como aconteceu na primeira, também com aparente invasão da margem superior da folha. Ocupando o espaço do meio para a direita da margem superior da quarta página, lê-se uma anotação em tudo semelhante às feitas para as duas primeiras cartas, inclusive quanto à letra, também agora diferente da letra de Camilo. O teor da anotação em causa é o seguinte: *Lisboa 9 d’Abril - 1862 / Camillo Castello Bco. / - Respondida*. Esta carta (nº 4) se estende por três páginas e meia de papel tamanho 24 x 17 cm, com aproveitamento até quase o limite das margens inferiores, com exceção da última página. Quanto à paragrafação, embora predomine o tipo blocagem, há uma ocorrência de alínea com recuo para a direita. A letra, da mesma maneira que nas duas primeiras cartas, volta a ser de tamanho miúdo, e a escrita, apesar da ausência, já observada, de pautas no papel, não perde o rumo. Aparentemente, a mancha invade as margens externas e internas de todas as páginas.

A 5ª carta, também de Lisboa, tem a data de 10 de julho de 1862. Desta vez, a contextualização espacial e temporal está inserida no final da carta, depois da assinatura. A fluidez da tinta parece ter sido mais livre, dando ao traçado das letras a aparência de maior firmeza. O tamanho da folha de papel usado é menor do que o das cartas anteriores, 21 x 13 cm. Certamente por isso a carta se estende por cinco páginas, às quais foram anexadas mais duas, uma ocupada por apenas três linhas, com letra um tanto descuidada como se se tratasse de um rascunho, sem assinatura; outra, abrigando de novo na margem superior, com deslocamento para a direita, a anotação intrigante, agora no seguinte teor: *Lisboa 10 de julho 62 / C. Castello Branco / Respondida*. Das cinco páginas ocupadas pela carta propriamente dita, enquanto as cópias possam revelar, não foram respeitadas quaisquer margens, a não ser a superior da primeira página, onde a invocatória guarda distância proporcional ao limite do papel. Procedência e data vêm ao final, depois da despedida e assinatura. Depois da data, no final da carta, está escrita uma palavra cuja leitura possível remete ao vocábulo “volta”, o que pode ser indicação ao des-

tinatório para olhar a página seguinte, onde Camilo praticamente rascunhou um bilhete, que anexou à carta. Eis o teor do aludido bilhete:

“Estou escrevendo o romance; mas a doença não me deixa escrever mais que duas horas por dia.”⁵

3. Circunstancialidade

3.1 Os pólos temáticos

Considerando as circunstâncias ideológico-políticas que envolveram as cinco cartas, ora analisadas, de Camilo Castelo Branco a Faustino Xavier de Novais, pode-se agrupá-las em dois blocos: o primeiro formado pelas três cartas do Porto, escritas em 1858, e o segundo, pelas duas cartas de Lisboa, escritas em 1862.

Cada bloco está bem marcado pelos elementos temáticos que polarizam os itens constitutivos da significação de cada um: *juízo crítico* e *sonhos viageiros*; de um lado; *negócios* e *desventuras*, de outro.

Juízo crítico é o texto de introdução ao livro de poesias de Faustino, que Camilo se comprometera a escrever, certamente antes de ter o amigo partido para o Rio de Janeiro, e de que ficou dependendo, por algum tempo, a publicação de *Novas Poesias*. As novidades e perspectivas financeiras no novo mundo, veiculadas por Faustino, em sua carta já referida, despertaram em Camilo *sonhos de viajar* para conhecer o Brasil.

Negócios são as delirantes transações em torno da produção literária de ambos, envolvendo interesses financeiros tanto em Portugal como no Brasil; divulgação em jornais de lá e de cá; prazos; editores e, sobretudo, dinheiro, muito dinheiro, que atenuasse as penúrias dos dois sonhadores. *Desventuras* são o outro lado da medalha: agravamento do estado de saúde de Camilo a par dos sofrimentos morais advindos de seu caso amoroso com D. Ana Plácido, que lhe custou prisão na Relação do Porto e momentos turbulentos que ele deixa transparecer no bloco de cartas de 1862. Faustino, por sua vez, nesta altura já desiludido com as perspectivas de enriquecimento fácil no novo mundo, não esconde do amigo seus infortúnios, agravando os daquele.

Os anos 1858 e 1862, época das cartas sob exame, se inserem no período de plenitude da estética romântica em Portugal, com evidentes repercussões no Brasil,

⁵ Trata-se, provavelmente, do romance *Estrelas propícias*, a que Camilo faz alusão nesta carta.

donde o recém-chegado Faustino envia notícias sobre o panorama literário local em termos que não disfarçam o cacoete da metrópole de subestimar os homens e os produtos literários da ex-colônia:

“A literatura resume-se no Gonçalves Dias, como poeta, e no Dr. Alencar, como jornalista e escritor dramático. Além destes há mais dois, poetas estimados aqui. É um Magalhães, autor de um poema – A Confederação dos Tamoios – e um Dr. Macedo que há pouco publicou a – Nebulosa – poema que não custa a ler.”⁶

3.2 Análise temática do 1º bloco: três cartas do Porto, em 1858

O ano de 1858, em que Faustino partiu para o Rio de Janeiro em busca de novos horizontes, marca o início da troca de correspondência com Camilo. Da capital da ex-colônia, em carta de 7 de agosto do mesmo ano, Faustino cobra o *juízo crítico* prometido, do qual, ao que parece, estava dependendo a publicação de sua antologia poética, *Novas Poesias*:

Escreveste o *juízo crítico* prometido? [grifo do autor]

Em carta do Porto, datada em 4 de agosto de 1858, Camilo, embora nesciente da cobrança do amigo, antecipa-se:

“O teu livro está em página 150. Ainda não escrevi o juízo ...” [grifo do autor]

Portanto, esta carta de Camilo, de 4 de agosto, não foi resposta à de Faustino, pois as datas de uma e outra recusam esta inferência. Na verdade, ambas se cru-

⁶ Carta de Faustino a Camilo, datada no Rio de Janeiro, a 7 de agosto de 1858, editada pelo Visconde do Marco no seu livro *Cartas inéditas de Camilo e de D. Ana Plácido*. Os nomes completos dos escritores brasileiros citados por Faustino são: Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), poeta indianista; José Martiano de Alencar (1829-1877), romancista; Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882), poeta cuja obra “Suspiros poéticos e saudades” é hoje apontada como o marco inicial de nosso romantismo; Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882) romancista e dramaturgo. É pelo menos curioso registrar a visão de época que Faustino, recém-chegado ao Brasil, reproduz relativamente ao cenário da literatura brasileira, nos alvares do romantismo. Faustino desembarcou no Rio de Janeiro em 1858, e em 1836, Magalhães já publicara *Suspiros poéticos e saudades*, hoje tido como o marco inaugural de nosso romantismo; em 1844, Macedo já dera a lume seu romance de estréia, *A moreninha*, hoje considerado sua obra-prima. Todavia, à percepção de Faustino só se fez presente, no caso de Magalhães, o poema indianista *Confederação dos tamoios*, já na época criticado por José de Alencar pela maneira como Magalhães interpretava o índio, e hoje pouco lembrado por sua autoria, dado o caráter de nosso ideário romântico atribuído a *Suspiros poéticos e saudades*. Quanto a Macedo, embora decorridos quatorze anos de publicação de “A moreninha”, a Faustino ocorreu como obra digna de citação desse romancista o obscuro poema *A nebulosa*, hoje caído no esquecimento. De Gonçalves Dias e de José de Alencar, nenhuma obra foi digna de citação, se bem que em 1858, do primeiro já viera a lume *Primeiros cantos* (1846), *Segundos Cantos* e *Sextilhas de frei Antão* (1848), *Últimos cantos* (1851); e de Alencar já estava divulgado em folhetins do Diário do Rio, e em volume, em 1856-1857, o romance *O guarani*.

zaram a caminho de seus respectivos destinos, pois, como na época não havia correio eletrônico, uma carta enviada por pacote, segundo cálculo do próprio Camilo numa de suas cartas, levava de mês e meio a dois meses para cruzar o Atlântico⁷.

Na carta [com data apócrifa de 2 de setembro de 1858] Camilo reitera:

“Ainda não escrevi o *juízo* porque ainda não vi a penúltima folha do teu livro.” [grifo do autor]

Nesta carta, com data retificada para 8 ou 9 de outubro de 1858, é que Camilo está propriamente respondendo à pergunta ansiosa do amigo a respeito do *juízo crítico*, feita na carta de 7 de agosto, tendo então, com certeza, já tomado conhecimento da correspondência do Rio de Janeiro, postada a 7 de agosto do mesmo ano. Assim, esta carta, com data retificada para 8 ou 9 de outubro, passa a ser a 3ª na seriação entre as cinco inéditas que estou analisando.

Para fundamentar a datação estabelecida para a carta de Camilo, referida no parágrafo anterior, examinem-se alguns trechos da carta de Faustino a Camilo (editada pelo Visconde do Marco) com data de 7 de agosto de 1858, confrontando-os com o conteúdo da carta de Camilo, esta com data alterada para 8 ou 9 de outubro de 1858.

Carta de Faustino:

“Tu, se aqui viesses [ao Rio de Janeiro], morrias de tédio.”

Carta de Camilo:

“Vejo que me não aconselhas a ida [ao Rio de Janeiro]. Verias já com que urgência eu te pedia que me chamasses daqui para fora. De tédio também aqui se morre, meu caro Novais, e mais que tédio, morre-se dum irritação de cólera que me enfurece e brutaliza.” [grifo do autor]

Carta de Faustino (depois de manifestar a pretensão de que Camilo escrevesse *já* um romance de 300 páginas, sob determinadas condições):

“O que é urgente, urgentíssimo, é que o romance seja jocoso e, se puder ser, chulo, que é o gosto dominante do país.”

⁷ 4ª carta, na ordem em que foram transcritas.

Carta de Camilo:

“Vou começar a escrever o romance que queres. Farei que ele condiga com o teu plano. Será jocoso quanto ser possa, posto que – bem o sabes – a minha índole tenda para ... [ileg] melancólicas que ninguém atura.”

Carta de Faustino:

“No pacote seguinte mandarei ao Sebastião [editor] dinheiro para comprar papel e também te mandarei algum, se me for possível; quando o não seja irá no outro pacote logo que me digas: “Estou escrevendo o romance e quero por ele – tanto!” A tiragem deve ser de 4000 exemplares.”

Carta de Camilo:

“Se chegasses a vender quatro mil exemplares de cada livro meu, far-me-ias capitalista em alguns anos, capitalista, santo Deus!”

Parece não restar dúvida de que Camilo pessoalmente não datou esta carta, donde foram tirados os excertos acima. Uma mão estranha arbitrariamente centralizou a data de *2 de setembro de 1858* no cabeçalho da primeira página. Um colecionador, ou quem mais tenha sido depositário do autógrafo, estabeleceu, a título de anotação, na margem superior da folha do P.S. (post-scriptum), outra data, mais consentânea, – *8 ou 9 de outubro* – sem, contudo, anular, na primeira folha, a data provavelmente apócrifa. Diga-se, de passagem, que a nova data, inserida no P.S. a título de anotação retificadora, é a mais afinada com o conteúdo da própria carta.

Em outra carta, com data presumida nos idos de setembro de 1858, Camilo ainda contemporiza quanto ao *juízo crítico*:

“Escrevo-te a segunda carta, meu Faustino, para te dar mais miúdas informações do teu livro. Está na folha 13, e chega até à folha vinte, ou vinte e uma com a parlenda final. Está pronto em fins de setembro princípio de outubro.”

Portanto, esta carta, *dos idos de setembro*, passa a ser a segunda na seriação entre as cinco inéditas de Camilo, e também a segunda em relação à datada em *4 de agosto de 1858*, na qual Camilo declara não ter ainda produzido o *juízo crítico*. O próprio Camilo, explicitamente, a considera “a segunda carta”.

Uma questão que se intromete neste estudo sobre a datação das cartas do primeiro bloco, e para cujo tratamento abre-se este parêntese, diz respeito ao *livro* a que Camilo faz reiteradas referências nas cartas deste bloco:

“Escrevo-te a segunda carta, meu Faustino, para te dar mais miúdas informações do **teu livro**. Está na folha 13, e chega até à folha vinte, ou vinte e uma com a parlenda. Está pronto em fins de setembro princípio de outubro. [carta com data provável estabelecida nos idos de setembro de 1858] [grifo do artigo]

... ainda não vi a penúltima folha do *teu livro*.” [carta com data retificada para 8 ou 9 de outubro de 1858] [grifo do artigo]

Tratar-se-ia de *Novas Poesias*, cujos manuscritos ou provas Faustino, quando viajou para o Rio de Janeiro, teria deixado sob os cuidados de Camilo para este escrever o *juízo crítico* na introdução, e em seguida encaminhar tudo ao editor, o conhecido Sebastião?

Seria o mesmo livro a que Camilo já fizera alusão na primeira carta?

“O *teu livro* está em página 150.” [carta de 4 de agosto de 1858] [grifo do artigo]

Seria o mesmo livro pelo qual Faustino pergunta na sua única carta?

“Como vai o *livro*?” [carta de Faustino, datada em 7 de agosto de 1858]

Tudo leva a crer, apesar de alguma nuance suscitada por referências como “página 150” e posteriormente “folha 13, e chega até à folha 20, ou 21 ...”, que se trata da coletânea de poesias de Faustino, intitulada *Novas Poesias*, cujo encaminhamento ao prelo aguardava o *juízo crítico* que Camilo prometera escrever na introdução, como realmente o fez.

Todavia, sobreexistiu uma contradição de difícil deslinde. A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, v. VIII. Editorial Enciclopédia Ltda.. Lisboa/Rio de Janeiro, consultada, informa, no verbete **Faustino Xavier de Novais**, que, em 1858, foi dada à estampa *Novas Poesias*, uma segunda coleção de poesias acompanhada de um juízo crítico de Camilo, da qual o êxito no Brasil foi tamanho que o autor logo se sentiu atraído. Neste mesmo ano, embarcou para o Rio de Janeiro, onde passou o resto da vida.

Pergunta-se diante dessa informação: *Como pode ter causado êxito no Brasil um livro que ainda não tinha sido publicado, quando seu autor partiu para o Rio de Janeiro?* Tanto não estava publicado que, em sucessivas cartas, como ficou demonstrado, de um para outro lado do Atlântico, entre 4 de agosto e idos de

setembro de 1858, todas as notícias induziam ao entendimento de que o *juízo crítico* de Camilo, que acompanhou a coletânea poética, ainda não estava escrito, na data em que Faustino se mudou para o Rio de Janeiro.

Fechado o parêntese motivado pela contradição, não totalmente desfeita, entre a informação da Enciclopédia e o conteúdo das cartas, retoma-se a análise das circunstâncias que cercaram a produção epistolar em causa, remontando às teorias literárias da época e encaminhando a crítica filológica.

3.3 O contexto político-ideológico

Segundo Fidelino de Figueiredo (1960), a estética literária denominada Romantismo reflete um contexto político-ideológico dominado pela burguesia alçada ao poder pela Revolução Francesa e regimes liberais dela decorrentes. Ora, a burguesia, até hoje, se notabiliza pela competição na busca de meios de ascensão social, aí desempenhando papel decisivo o dinheiro.

Isso ajuda a entender a ida para o Rio de Janeiro de Faustino Xavier de Novais, poeta obscuro e folhetinista assumido, para tentar fortuna no promissor novo mundo, como fizeram inúmeros patrícios seus dedicados a negócios de variada natureza. Faustino em carta a Camilo⁸ faz menção muito afetuosa a esses imigrantes, no contexto de uma receita para a boa aceitação, no Brasil, de um novo romance de Camilo:

“... se no assunto que escolheres, cair a talho de foice, o falar do Brasil, fala do patriotismo dos portugueses aqui estabelecidos, e que têm enriquecido pelo trabalho - lícito - ...”

Enaltecendo as facilidades de enriquecimento rápido que o Brasil propiciava, inclusive para um operário das letras, e o conforto da moradia que conseguira no edênico panorama do Rio de Janeiro, Faustino desperta em Camilo o *desejo de viajar* para os trópicos, em busca de independência (financeira) e tranquilidade de espírito, o que é manifestado em dois momentos numa das cartas do primeiro bloco:

“Descreves o Brasil como eu o imaginava. ... Acredito que ia ao Rio de Janeiro, se não tivesse a certeza de que voltava mais desprovido de meios do que à saída. Precisava de um mundo novo, desejo-o.” [carta de 4 de agosto de 1858]

No P.S. anexado a esta mesma carta, um Camilo indeciso reitera:

⁸ Carta já citada anteriormente, editada pelo Visconde do Marco.

“Abri esta carta para te dizer como íntima resolução que vou ao Brasil se a tua crítica entender que a minha posição melhora. Não aspiro à fortuna: o que eu queria era uma independência, e mais tranqüilidade de espírito.”

Na carta, com data provável estabelecida em idos de setembro de 1858, Camilo, embalado pelo sonho da independência financeira, possível no além-mar, exagera:

“Eu com o teu estímulo, e com um pouco de dinheiro, tenciono escrever muito. Quero dar-te oito romances cada ano, pelo me- nos.”

Imaginando que Faustino arribara no porto certo, na carta de 8/9 de outubro de 1858, a cuja transcrição, *in fine*, (3ª carta, na ordem de transcrição) remeto o leitor, Camilo sonha alto.

Estes fragmentos, pinçados aqui e ali, nas três cartas do 1º bloco, reproduzem, através da pena de Camilo, o espírito burguês de competição pelas comodidades da vida, asseguradas pelo dinheiro. Aliás, no que diz respeito a Camilo, sua produção literária em quarenta anos de “servidão” não deixa dúvidas. Estimativa de Alexandre Cabral (*op cit.*) credita à produção camiliana 60.000 páginas escritas em 14.610 dias, o que dá a média de quatro páginas por dia.

3.4 Análise temática do 2º bloco: cartas de Lisboa, em 1862

Nas duas cartas que constituem este bloco, Camilo, dando vazão ao comportamento típico do pequeno burguês, faz incursões meio delirantes pelos intrincados atalhos do *marketing* livresco, trocando com o parceiro de além-mar planos, projetos e sonhos, mais sonhos do que projetos, tudo entremeado pelos dissabores, no caso de Camilo resultantes das aventuras amorosas e dos males psico-físicos, e, no que toca a Faustino, originários nas privações supervenientes às primeiras ilusões de um escritor aventurando-se numa terra distante e desconhecida.

As cartas deste bloco refletem tudo isso: os *negócios* entabulados e sobretudo as *desventuras* partilhadas:

Na carta de 9 de abril de 1862, a 4ª adiante transcrita, Camilo arrola os infortúnios, por que passou, quando da condenação por adultério de D. Ana Plácido, “a infeliz senhora por quem me perdi ...”

Na carta de 10 de julho de 1862, a 5ª transcrita, outro desabafo de Camilo, agora quanto ao agravamento de seu estado de saúde e ao envelhecimento precoce:

“Eu estou há quinze dias numa *casa de saúde*: nome gratuito com que se doura a designação triste de hospital. [grifo do manuscrito]

Se visses o meu bigode branco, com o envelhecer de 13 anos em ferros⁹, e o coração cheio de peçonha!... Paremos.”

O lamento continua no bilhete rabiscado numa folha avulsa, anexada à mesma carta:

“Estou escrevendo o romance, mas a doença não me deixa escrever mais que duas horas por dia.”

Estes poucos trechos das cartas de 1862 configuram um quadro de desventuras, queixas e lamentações, resultantes das aventuras amorosas e da doença inexorável. Os males da alma e do corpo.

Outra marca deste segundo bloco de cartas são as incursões à distância que Camilo pessoalmente, de parceria com Faustino, faz pelos meandros do *marketing* livresco. Terreno escorregadio para um escritor passional cuja estrutura psíquica configurava melhor os devaneios de um artista do que a racionalidade de um comerciante.

Um trecho da carta de 9 de abril de 1862, a cuja transcrição (4ª carta) de novo remeto o leitor, condensa esse estado de coisas, quando Camilo propõe a Faustino “*falar em negócios de letras, coisa hedionda de se tratar*”.

Na carta de 10 de julho de 1862, 5ª adiante transcrita, Camilo desvela algumas sutilezas das transações que o obrigam a discutir prazos contratuais e valores monetários. O que não o impede de reavivar a velha amizade:

“Como vives tu? Fala-me mais de ti, e menos de negócios.” [grifos do manuscrito]

Refletindo as agruras, nesta altura, já vividas por Faustino no seu exílio voluntário, na carta de 9 de abril de 1862 (4ª), Camilo divide com o amigo seus próprios males:

“Sei, meu caro Faustino, os teus infortúnios; e tu, se sabes bem a fundo os meus, consola-te. Triste consolação a que auferimos da desgraça alheia!”

O binômio *negócios/desventuras* está adequadamente salientado como elemento temático polarizador do segundo bloco das cartas inéditas de Camilo a Faustino.

⁹ Referência ao tempo de prisão imposto a Camilo pelo *affaire* Ana Plácido.

Negócios, termo bem a gosto do contexto social em que se inscreveu a literatura romântica como expressão legítima e legitimada do comportamento pequeno-burguês pós-Revolução Francesa, emaranhado nas teias do liberalismo econômico que então imperava.

Desventuras, filão explorado pela vertente passional da nova escola, caso de Camilo, em que a exacerbação do sentimento amoroso e a autoflagelação mental, bem documentadas nas cartas, dão origem a um indivíduo fragilizado diante dos sofrimentos físicos e morais, para os quais não encontra saída senão no gesto tresloucado do suicídio. Ameaça que Camilo fez repetidas vezes em cartas para diferentes destinatários, e cumpriu no dia 1º de junho de 1890, desfechando um tiro de revólver contra o parietal direito.

4. Conclusões

O exame crítico desta coletânea de cinco cartas inéditas de Camilo Castelo Branco a Faustino Xavier de Novais, se não resolveu, pôs em discussão elementos importantes para o estabelecimento da datação correta das cartas, condição básica para a análise das circunstâncias político-ideológicas que envolveram sua produção.

Propiciou também que se dirimisse, creio, a dúvida quanto à verdadeira identidade de F.X. de Novais, remetente da única carta editada, que fez contraponto com as de Camilo. Trata-se, ao que tudo indica, efetivamente do poeta português, emigrado para o Rio de Janeiro, em 1858, Faustino Xavier de Novais.

Também ficou esclarecida, pelo menos em parte, a data mais provável da publicação do livro de Faustino, *Novas Poesias*: não antes de novembro ou dezembro de 1858, portanto jamais antes que o poeta e folhetinista tivesse fixado residência no Rio de Janeiro.

5. Referências bibliográficas

APONTAMENTOS de sala de aula. Disciplina: *Crítica Textual - Autores Modernos*. Docente responsável: Prof.^a Dr.^a Elza Miné. (Área de Filologia e Língua Portuguesa, FFLCH da Universidade de São Paulo, 1º semestre de 1996).

ARAÚJO, Emanuel. 1986. *A construção do livro*, 2. ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira / Brasília: INL.

CABRAL, Alexandre. s/d. *A. Plácido - Camilo Castelo Branco. Páginas quase esquecidas*, 2. tomo. Porto: Inova.

_____. 1980. *Camilo Castelo Branco: roteiro dramático dum profissional das letras*. Lisboa: Terra Livre.

- COMISSÃO DO CENTENÁRIO. 1925. *Camilo* - Livro comemorativo do centenário - 16 de março, 1825-1925. Lisboa.
- CINCO CARTAS INÉDITAS de Camillo Castello Branco a Faustino Xavier de Novaes - 1858 e 1862. *Fac-símiles da Coleção Elysio de Carvalho*. São Paulo: Acervo da Biblioteca Mário de Andrade.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. 1960. *História literária de Portugal* - séculos XII-XX, 2. ed.. Rio de Janeiro: Fundo da Cultura.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA Portuguesa e Brasileira, v. VIII. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia Ltda., s/d.
- HOUAISS, Antônio. 1967. *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro: INL.
- MARCO, Visconde do. [1933]. *Cartas inéditas de Camilo e D. Ana Plácido*. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco.
- NOVAIS, Faustino Xavier de. Carta editada in MARCO, Visconde do. [1933] *Cartas inéditas de Camilo e D. Ana Plácido*. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco.
- SILVA, Inocêncio Francisco da. 1858-1923. *Dicionário bibliográfico português*, v. 22. Lisboa: Imprensa Nacional.
- XAVIER BARBOSA, L. [1919]. *Cem cartas de Camilo*. Lisboa: Portugal-Brasil Sociedade Editora / Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana - Livraria Francisco Alves.

6. Transcrição das cinco cartas inéditas de Camilo a Faustino¹⁰. (de permeio uma única carta (editada) de Faustino a Camilo)

Primeira carta: Porto, 4 de agosto de 1858
(data e lugar contextualizados)

Meu prezado Faustino

Porto, 4 de agosto de 1858

Dou-te os mais alegres parabéns que recibes da feliz perspectiva que se te antolho. Eras digno da ventura que te custou mágoas. Se a achares, como crês e eu creio, será uma exceção entre os mil desventurados que cumprem sobre a terra a sentença fatal do talento. É um condão infernal cá neste ângulo da Europa.

Descreves o Brasil como eu o imaginava. Transige com ele, Faustino. Explora a benévola estupidez dos nossos irmãos. Não lhe dês pérolas... No dia em que enflorares os teus escritos com erudição fofa declina a tua estrela.

¹⁰ Os princípios de estabelecimento dos textos foram pautados pelas normas e procedimentos geralmente admitidos pela Crítica Textual e, em parte, por preceitos consolidados na Nomenclatura Gramatical Brasi-leira.

O teu livro está em página 150. Ainda não escrevi o juízo, porque seria mentir ao público dar, sob tal pseudônimo, a demência que me tolhe, há dois meses, todas as faculdades. Tenho-me dado ao amor com todas as verduras dos 18 anos. Vivo sofrendo, recalçado, esmagado por uma aferição dos sentidos que me traz alheio a tudo que são letras. Se este estado se demorar, embruteço, e suicido-me.

Acredito que ia ao Rio de Janeiro se não tivesse a certeza de que voltava mais desprovido de meios do que à saída. Precisava de um mundo novo, desejo-o, mas reconheço que a minha vida há de em toda a parte estar subordinada a uma sina infernal.

Aquele teu pensamento de publicares os meus romances é inexequível? Nem mais te lembraste disso talvez, e eu dou-te razão. Mal podes ainda ter assentado o plano dos teus desígnios. Todavia, não te esqueças. E se entenderes que a minha ida pode ser coroada com um resultado sofrível, dize-me yem, mas dispõe as coisas de modo que eu não apareça aí como um aventureiro. Se negociares em café, eu não teria dúvida em negociar no leite.

O Porto, meu amigo, não me dá azo a escrever-te seis linhas noticiosas. Daqui a cinco anos encontras na Praça nova os mesmos homens, e na missa dos congregados as mesmas mulheres, umas um pouco mais velhas, e outras um pouco mais descaradas.

Tenho estado doente em resultado de uma queda dum cavalo. Parti a cara, e fiquei um pouco mais feio do que era. A propósito, como consentes tu que o teu retrato se exponha? Pede ao pintor que te corrija o nariz.

Escrevo-te em hora de mau humor; chega a enojar-me o tédio da vida; anseio uma satisfação impossível; mas, em compensação dos meus desgostos, peço a Deus que te dê toda a felicidade que para si precisa o teu de todo o coração amº obr.g.mo
Camilo Castelo Branco.

P.S.

Abri esta carta para te dizer com íntima resolução que vou ao Brasil se a tua crítica entender que a minha posição melhora. Não aspiro à fortuna: o que queria era uma independência, e mais tranqüillidade de espírito. Sabes, porém, meu caro Faustino, que eu não darei tal passo sem que tu mo aconselhes positivamente. O Quiques tirava-me disso com desanimadoras reflexões; tu me dirás até que ponto são elas fundadas. Não trates só da tua felicidade. Aspira à glória de mudar a vida de um homem que afivelou a máscara do orgulho na miséria para que os inimigos o não apedrejem. / Confidencial - é ainda o demônio do orgulho, não crês? /

Segunda carta: Porto, idos de setembro de 1858

(data retificada e lugar estabelecido pela circunstancialidade)

[Porto, idos de setembro de 1858]¹¹

¹¹ Lugar e data estabelecidos pela circunstancialidade.

Escrevo-te a segunda carta¹², meu Faustino, para te dar mais miúdas informações do teu livro. Está na folha 13, e chega até à folha vinte, ou vinte e uma com a parlenda final¹³. Está pronto em fins de setembro princípio de outubro. O Sebastião¹⁴ não tem podido mais – E quanto ao romance, com dificuldade assentiu em o pôr no prelo logo que ultime o volume, mas foi-me dizendo que para o futuro não poderia satisfazer com presteza as encomendas. Lembra-me dizer-te que temos aqui uma excelente imprensa, dirigida pelo Teixeira, a do Laranjal. O diretor é honradíssimo, e, como podes ver na Vingança, imprime limpamente e com presteza. Não te atendas só ao Sebastião caso continues a querer as obras aqui impressas. Eu com o teu estímulo, e com um pouco de dinheiro, tenciono escrever muito. Quero dar-te oito romances cada ano, pelo menos. Ponto está que tu contes com uma assinatura constante para as minhas obras. Se pudesses lá fazer conhecido num jornal aquele caso da Vingança que trata de brasileiros, creio que afagarias o ânimo dos negreiros a favor das minhas produções. Se conseguisses dar lá uma 2ª edição a esse livro, e me mandasses por ela qualquer coisa, isso seria um aborto de felicidade para o teu

Camilo

Terceira carta: Porto, 8/9 de outubro de 1858
(data retificada e lugar estabelecido pela circunstancialidade)

[Porto, 8/9 de outubro de 1858]¹⁵

Meu caro Faustino.

De novo te felicito. Tremia ao ler a tua segunda carta com medo de te ver contrariado, desanimado, triste e saudoso dos teus, e deste céu que é o majestoso firmamento da tenda de muito maroto. Gloria-te de ter abandonado este charco, e volta a ele quando o puderes navegar em barco de ouro com tripulação de escravos.

Ainda não escrevi o juízo porque ainda não vi a penúltima folha do teu livro. Começo a escrevê-lo amanhã. O Sebastião tem andado vagarosamente, e não podemos contar muito com ele para a brevidade dos nossos cálculos.

Vou começar a escrever o romance que queres. Farei que ele condiga com o teu plano. Será jocoso quanto ser possa, posto que - bem o sabes - a minha índole tenda para as ... [ileg] melancólicas, que ninguém atura.

¹² Entre a primeira e a segunda carta remetidas por Camilo, chegou a de Faustino, datada no Rio de Janeiro, em 7 de agosto de 1858.

¹³ Provável referência ao *Juízo crítico*, que finalmente estava sendo escrito por Camilo. Aliás, segundo o Visconde do Marco (*Cartas inéditas de Camilo e de D. Ana Plácido*), a carta de Camilo que serve de introdução às *Poesias*, de Faustino Xavier de Novais, vem publicada no livro *Esboços de apreciações literárias*, da página 129 até a página 136, da edição de 1865, da Biblioteca Moré. Acrescenta o Visconde que ele possui um autógrafo de duas folhas de papel almaço de parte desta carta de Camilo, acervo herdado de seu pai.

¹⁴ Editor dos livros de Camilo e de Faustino.

¹⁵ A data que o fac-símile reproduz, com evidências de inautenticidade, já apontadas na análise da datação, é 2 de setembro de 1858.

Há de chamar-se o dito romance Camisa de onze varas. Agrada-te? Ainda não tenho o enredo, mas quem faz um livro de trezentas páginas é o título, que ocupa uma linha. O gênio faz destas coisas, e outras piores. E quanto ao preço, não faço preço. Dá-me o que quiseres na razão direta dos interesses que fizeres. Se chegasses a vender quatro mil exemplares de cada livro meu, far-me-ias capitalista em alguns anos, capitalista, santo Deus! que idéia, para mim que compreendi ainda há pouco que o homem é um suplemento ao dinheiro, e o dinheiro a essência constituinte do homem! Ah! eu estava bom para viver na rua da Quitanda. Nº ... ! Vou falar ao Sebastião - preveni-lo para entrar com o romance no prelo em fins deste mês de setembro¹⁶. Pode estar pronto em meados de novembro, porque eu escreverei a par com a composição, porque não receio ser tachado lá de menos correto na linguagem. Parece incrível isso, Faustino! Como está uma terra descoberta em 1500!

Palpita-me que vou escrever exclusivamente para ti. Tomara eu! Vejo que me não aconselhas a ida. Verias já com que urgência eu te pedia que me chamasses daqui para fora. De tédio também aqui se morre, meu caro Novais, e mais que tédio, morre-se duma irritação de cólera que me enfurece e brutaliza.

Não me tens falado de tua senhora. Como se dá ela? Os seus padecimentos minoraram? Parece incrível o teu silêncio a respeito do que mais prezas na vida. Faça-lhe mil recados, e dá-lhe mil parabéns pela felicidade tua e dela que é uma só, e invejável para mim que não sinto quem comparta neste mundo as minhas amarguras duradouras, e as alegrias momentâneas. Adeus, meu bom Faustino. Quando te sobejar o dinheiro a rodo, dá um pontapé num masso de notas / mesmo falsas / e eu irei à Foz [ileg] ver se elas caem do bico de alguma gaivota. Tenho sempre vivido doente, com febre, com dores, com o diabo. Recados do Adolfo e do José Barbosa que está no Porto, e se interessa tanto no teu bem-estar que até lhe mandei a tua primeira carta, e vou mostrar-lhe a segunda.

Ad.s.. Teu Camilo.

Resolvi antes da Camisa de onze varas escrever um romance que me dá mais largas ao jocoso, e denomina-se Vítimas dos romances. Podes desde já anunciá-los ambos.¹⁷

Quarta carta: Lisboa, 9 de abril de 1862

(data e lugar contextualizados)

¹⁶ “Vou falar ao Sebastião - preveni-lo para entrar com o romance no prelo em fins deste mês de setembro.” Este trecho favorece, em parte, a manutenção da data, que tachamos de apócrifa para esta carta - 2 de setembro de 1858. Neste caso, esta seria a segunda missiva da série, o que contraria, no entanto, a seriação até agora defendida com base nas palavras do próprio missivista: “Escrevo-te a segunda carta, meu Faustino ...” Além do mais, como foi analisado, a data de 2 de setembro atropela a data de 7 de agosto, esta incontestável, da carta (editada) de Faustino a Camilo, que, em nenhuma hipótese, teria chegado a seu destino antes de 2 de setembro, dado o tempo que um pacote levava para atravessar o Atlântico. S.m.j., mantenho a data, pelo menos de remessa da carta nº 3, em 8/9 de outubro de 1858.

¹⁷ Trecho enxertado, ocupando a margem superior das duas primeiras páginas da carta, colocadas ambas lado a lado. A autoria de Camilo é incontestável.

Meu caro Faustino

Lisboa, 9 de abril de 1862

Recebo, com esta, três cartas tuas. Respondi à primeira, e à segunda, recebidas no Porto. Escusado é dizer-te que estranho em ti o creres-me bastante indiferente às tuas coisas, ou desleixado de deveres sagrados para te não responder. Facilmente explico a razão por que não recebeste as minhas cartas. É que eu as remetia com 140 rs. cada uma ao correio. O portador guardava o dinheiro, como sórdido galego que era, e inutilizava a carta, por lhe não receberem sem pagar o porte. Esta irei eu mesmo lançá-la à caixa.

Sei, meu caro Faustino, os teus infortúnios, e tu, se sabes bem a fundo os meus, consolá-te. Triste consolação a que auferimos da desgraça alheia!

Passemos depressa sobre este capítulo. Basta que te diga que a infeliz senhora¹⁸, por quem me perdi, depois de sujeito meses de cárcere, teve de aceitar outro mais rigoroso - em recolhimento - para poder receber ao menos o juro de seu patrimônio. Eu não pude salvá-la deste segundo transe. Um ano de cadeia, e ociosidade por falta de vista, secou-me as fontes dos recursos, que eram os créditos, os quais estou hoje salvando com muito trabalho, e muitas privações obscuras.

Retirei-me para Lisboa, porque a Da. Ana Plácido está aqui, carece do meu amparo moral. Vivo, como o filósofo de Souvestri, numas águas-furtadas. Tu, ao menos, creio que respiras o ar balsâmico duma chácara (não sei se escreve assim) e vês a arborização luxuriante do novo-mundo. Eu contemplo, com êxtases forçados de naturalista, um pouco de arroz de telhado, e uns gatos que se amam e arranham, quais outros Ovídio e Corina¹⁹.

Vamos a falar em negócios de letras, coisa hedionda de se tratar. Eu, meu amigo, sofro porque não posso dar-te muitas das minhas magras coisas, e dar-tas como único bem que ainda encontro em mim em alguma hora menos assombrada de visões tristes. O mais das horas passo-as em dolorosa inércia, e inação inteira da inteligência. Falta-me tudo para o trabalho, exceto o aguilhão pungentíssimo da necessidade.

Eu posso escrever-te um romance de 250 páginas a 300. O Comércio do Porto pagamos a 144\$000 rs.. É para lá que estou escrevendo. Se o escrever para o teu jornal, hei de renunciar à quantia urgentíssima que daí me vem. Acontece-me sempre que, ao concluir um romance, não tenho migalhas do produto do romance anterior. Quer isto dizer que trabalho e despendo o valor da tarefa de cada dia; e mais claro ainda, meu Novais, não sei como te diga que não posso escrever para o teu jornal se tu me não fizeres embolsar ao tempo em que eu concluir o manuscrito.

Eu vou desde já principiar um volume. Se ele te convém por aquele preço, conta com ele pronto na volta do pacote, se o pacote se demora mês e meio ou dois meses; mas, a ser-te possível, dá aqui ordem a alguém que receba o manuscrito e mo pague. A propriedade

¹⁸ Trata-se de D. Ana Augusta Plácido, a grande paixão amorosa de Camilo, por cujo amor ambos curtiram cadeia. Ela, condenada por adultério; ele, por solidariedade com a mulher amada, também cumpriu pena.

¹⁹ Públio Ovídio Naso foi um poeta latino que viveu de 41 a.C. a 17 ou 18 d.C.. Uma de suas obras são os poemas eróticos intitulados *Amores*, coletânea de elegias sobre uma tal Corina, "cuja fisionomia foi muito generalizada pelo poeta". [Bayet, Jean. 1947. *Littérature latine*. Paris: Librairie Armand Colin.]

fica sendo tua. Eu nem o tiro em livro nem o publico em jornal. Bem sabes que não deixo cópia de coisa nenhuma. Tu é que lá podes, publicado o romance, no jornal, tirá-lo em livro.

Falei-te com a dura sinceridade do infortúnio. Desculpa ter à desgraça o que é dela, e de mim guarda sempre a lembrança dum irmão infeliz -

Ad.s. - Sê forte. Teu Camilo.

Quinta carta: Lisboa, 10 de julho de 1862

(data e lugar contextualizados, mas situados no final da carta)

Meu caro Faustino

Tu deves ter recebido dois artigos, de um dos quais te remeto a conclusão hoje. Pode ser que os achasses curtos, mas dos males é o menor. Aprovei a remessa do escrito do ... [ileg] em quem reconheço dotes de escritor correto - o que muito convém a um jornal da natureza do teu. Falei com Rebelo da Silva, Palmeirim, Pato, André Fernandes. Todos prometem; mas tu sabes como trabalha esta gente de Lisboa. Tolhe a uns a ignorância, e a outros a inércia. Vivem nos cafés, e morrem obscuros em obscura miséria, amanuenses de secretaria.

Eu estou há quinze dias numa casa de saúde, nome gratuito com que se doura a designação triste de hospital. Quer isto dizer que não tenho saúde nem família.

A tua proposta de 7 de junho, concernente ao Correio Mercantil, aceitei-a com as condições que hoje estipulo em carta ao diretor do jornal. Pedi-lhe que te deixe ver a carta. Deves saber que o Comércio do Porto me dá por cada volume 144\$rs.; e vende depois à Casa Moré a propriedade, que a Casa Moré lhe compra na hipótese de que a edição única é a do Comércio. Já vês que para vender um traslado para aí, com as condições postas da antecipa publicamente no Rio, tenho de abater algumas moedas ao preço por que tenho vendido; aliás diriam que eu negocio de má fé, e bem sabes que o não devo fazer com o teu primo Pacheco²⁰ nem com o Carquejo. Já vês, meu Faustino, que não está a coisa somente na tiragem duma cópia. Não obstante, eu reformo o contrato com os do Porto, e posso mandar uma cópia das Estrelas propícias, - que estou escrevendo - , por 100\$ rs. fortes. A cópia irá daqui antes que eu tenha remetido o original para o Porto; e em resposta a esta carta poderá o proprietário do jornal mandá-lo aqui receber, porque estará pronto no prazo de 50 dias.

... [ileg] Campos dará aqui ordem para recebê-la e pagá-la. Parece-me que é este o mais fácil e melhor expediente para ambos. Chegando a este ponto, e dados estes esclarecimentos, mudo de tenção de escrever ao teu Amigo. Faze-lhe tu ver esta carta.

Agora uma confidência. O Pessoa, desgosta-o que eu escreva para editor que não seja ele. Bom será que estas novas combinações se façam mediante outro correspondente. Há de parecer-te isto esquisitice minha, mas eu sou realmente esquisito.

Como vives tu? Fala-me mais de ti, e menos de negócios. Dá-me uma página de teu coração, se a tens. Hás de rir com o nosso diálogo no romance do Coração, cabeça e estôma-

²⁰ o poeta Xavier Pacheco, redator de *O Comércio do Porto*.

go. Aquele nosso amigo Silvestre, que tu não conhecestes nem eu, morreu - o infeliz. Não mandes à merda a sua memória, que era boa e digna dum livro, que o há de levar ao século XXV, e a mim também.

Por que me lembraste os nossos saudosos outeiros, Faustino! Que tempo, e que olhar tão triste para lá! Se viesses o meu bigode branco, com o envelhecer de 13 meses em ferros, e o coração cheio de peçonha! ... Paremos.

Adeus até ao seg. paquete.

Teu Camilo

Lisboa, 10 de julho de 1862. (Volta)

Estou escrevendo o romance, mas a doença não me deixa escrever mais que duas horas por dia.²¹

7. Fac-símile da 2a. carta inédita de Camilo a Faustino:

Amigo e querido amigo, como te pareço
 ter mais muitos conhecimentos de teu livro.
 lête no folio 13, e chega até à folha
 vinte, ou mais e vem com a primeira
 folha. lête prompto em fim de 74
 porque se pertence. lête em não tem
 perdido mais - lête de os romances,
 em diffirentes assuntos em o fim em
 pouco logo que ultimamente se viu
 foi-me devida que se o futuro mais
 poderá ser feito com facilidade de
 invenções. Lête de os romances
 que tem aqui uma excellentissima
 forma, dirigida pelo coração, e de
 coração. lête de os romances,
 e, como pale de os romances, em
 forma de livro de os romances

Amigo e querido amigo, como te pareço
 ter mais muitos conhecimentos de teu livro.
 lête no folio 13, e chega até à folha
 vinte, ou mais e vem com a primeira
 folha. lête prompto em fim de 74
 porque se pertence. lête em não tem
 perdido mais - lête de os romances,
 em diffirentes assuntos em o fim em
 pouco logo que ultimamente se viu
 foi-me devida que se o futuro mais
 poderá ser feito com facilidade de
 invenções. Lête de os romances
 que tem aqui uma excellentissima
 forma, dirigida pelo coração, e de
 coração. lête de os romances,
 e, como pale de os romances, em
 forma de livro de os romances

²¹ A palavra (Volta), ao final da página anterior, remete à página seguinte, onde se lê, a título de post-scriptum, este trecho no qual a palavra original "saúde", bem legível apesar de riscada pelo próprio Camilo, foi substituída por "doença".